



TECENDO CONSCIÊNCIAS: OFICINAS DE LETRAMENTO RACIAL PARA ADOLESCENTES

Palavras-Chave: LETRAMENTO RACIAL, PROMOÇÃO DA SAÚDE, OFICINAS PEDAGÓGICAS, EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA, ENFERMAGEM.

Autores(as):

GIOVANNA SILVA AGUIAR, FENF – UNICAMP

Prof^(a). Dr^(a). DÉBORA DE SOUZA SANTOS (orientadora), FENF – UNICAMP

Prof^(a). Dr^(a). GABRIELA RODRIGUES BRAGAGNOLLO (co-orientadora), EERP – USP

INTRODUÇÃO:

A adolescência (10 a 19 anos) constitui uma fase estratégica para intervenções em saúde pública, especialmente em países com profundas desigualdades, como o Brasil. A população negra, em especial os adolescentes de periferias urbanas, enfrenta barreiras significativas relacionadas aos determinantes sociais da saúde, impactando diretamente sua morbimortalidade (OLIVEIRA et al., 2020; BRANDÃO et al., 2015; LIMA et al., 2022; MUNANGA, 2007). Embora existam políticas públicas voltadas à população negra, como a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra, ainda há lacunas no enfrentamento das iniquidades (BRASIL, 2017; IPEA, 2016).

A Promoção da Saúde (PS) crítica propõe uma abordagem ampliada e emancipatória da saúde, que vai além da dimensão biomédica e contempla a realidade socio-histórica dos sujeitos (CARVALHO; AKERMAN; COHEN, 2022). A educação em saúde, nesse contexto, deve ser participativa e libertadora, promovendo o empoderamento e a capacidade de ação crítica sobre os determinantes sociais da saúde (WESTPHAL, 2006; CZERESNIA, 2009; FREIRE, 1983).

O letramento racial é uma dimensão do empoderamento necessário para que adolescentes reconheçam, resistam e proponham estratégias de enfrentamento ao racismo. A proposta pedagógica dos “4Rs” (Reconhecer, Romper, Resistir e Reparar), elaborada por Santos (2021), fornece um referencial para práticas educativas antirracistas. A extensão universitária, por meio do projeto "AmorAs Vidas Pretas", atua como espaço privilegiado para construção de experiências educativas transformadoras.

Assim, considerando o racismo como determinante do processo saúde-doença, especialmente no ambiente escolar, e a importância de ações educativas com adolescentes, o estudo visou compreender suas percepções sobre o racismo e construir, de forma participativa, oficinas pedagógicas de letramento racial.

O objetivo é compreender as percepções de adolescentes sobre o racismo no cotidiano escolar, por meio da realização de oficinas pedagógicas de letramento racial baseadas nos 4Rs (Reconhecer, Romper,

Resistir e Reparar), considerando seus conhecimentos prévios, as estratégias de enfrentamento mobilizadas e as ressignificações construídas ao longo do processo.

METODOLOGIA:

O estudo integra uma pesquisa-ação de base qualitativa, vinculada ao projeto de extensão “AmorAs Vidas Pretas” que teve origem como uma atividade de extensão vinculada à disciplina de Saúde Coletiva do curso de Enfermagem, contando com o apoio da Prof^a Dr^a Débora de Souza Santos, orientadora desta pesquisa. Trata-se de uma iniciativa voltada para o letramento racial e a valorização da cultura negra, desenvolvida por meio de círculos de cultura e práticas lúdicas.

Vinculada também ao Pós-Doutorado de Gabriela R. B. Fahning. A orientanda Giovanna Silva Aguiar integra o projeto desde o segundo semestre de 2023, momento em que manifestou interesse em fundamentar sua pesquisa a partir dessa experiência.

A abordagem metodológica apoia-se na teoria histórico-cultural de Vigotski (1998), que entende o ensino-aprendizagem como um processo interativo e socialmente mediado.

Segundo Thiollent (2014), a pesquisa-ação é dinâmica e participativa, voltada à resolução de problemas concretos, e foi desenvolvida em quatro fases: exploratória, planejamento, execução e análise. As oficinas pedagógicas compuseram a fase de execução e foram guiadas pelo referencial dos 4Rs.

3.1 Cenário da Pesquisa

O estudo foi realizado na Sociedade Pró Menor de Barão Geraldo, em Campinas (SP), que atende há mais de 40 anos crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade. A instituição recebe cerca de 90 usuários, dos quais 40% têm entre 10 e 14 anos. A maioria das famílias vive com até três salários-mínimos, em um território com alta densidade populacional e vulnerabilidades sociais evidentes.

3.2 Participantes

Foram selecionados intencionalmente entre 12 e 20 adolescentes com idades entre 12 e 14 anos, considerando o limite recomendado por Nascimento e Baduy (2021) para atividades educativas participativas. Os critérios de inclusão foram: estar matriculado na instituição, ter idade entre 12 e 14 anos e apresentar disponibilidade e interesse em participar. Adolescentes fora da faixa etária ou sem autorização dos responsáveis foram excluídos.

3.3 Oficinas pedagógicas

As oficinas abordaram os quatro eixos do letramento racial (Reconhecer, Romper, Resistir, Reparar), com encontros de cerca de 2 horas. Utilizaram metodologias ativas, rodas de conversa, materiais audiovisuais e produção coletiva de narrativas, buscando promover escuta ativa, reconhecimento de vivências racistas e construção de estratégias de enfrentamento.

3.4 Ética e consentimento

A pesquisa foi aprovada por Comitê de Ética em Pesquisa e os participantes foram incluídos após autorização dos responsáveis e assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A pesquisa teve início em abril de 2024 e foi desenvolvida por meio de encontros quinzenais na plataforma Google Meet, com duração média de 1h30. Participou uma equipe multidisciplinar com nove membros de áreas como enfermagem, educação física, farmácia e arquitetura, cuja diversidade contribuiu para uma abordagem dialética e colaborativa na definição de prioridades e estratégias.

Inspirados na teoria sociocultural de Vygotsky, os encontros promoveram a construção coletiva do conhecimento a partir das experiências dos participantes. O foco foi compreender o cenário da pesquisa, identificar a comunidade envolvida e mapear as necessidades de famílias, crianças e educadores. A fase inicial incluiu o planejamento das ações com base na metodologia da pesquisa-ação, garantindo a participação ativa dos pesquisadores no contexto estudado.

Nos primeiros encontros, as crianças demonstraram curiosidade ao discutir representações do racismo em séries populares. As interações lúdicas e dialógicas possibilitaram a expressão de suas percepções críticas, permitindo à equipe identificar diferentes níveis de compreensão sobre o tema. Seguindo a perspectiva vigotskiana, compreende-se que o desenvolvimento cognitivo das crianças ocorre por meio da mediação cultural e social; assim, a diversidade de experiências apresentadas favoreceu a ampliação de suas zonas de desenvolvimento proximal (ZDP). Algumas crianças já possuíam um repertório crítico sobre o racismo, enquanto outras ainda não haviam refletido profundamente sobre seus impactos em suas vidas. Essa heterogeneidade permitiu trocas interativas fundamentais para o desenvolvimento coletivo do grupo.

Para estruturar as atividades educativas, optou-se pelo método dos Círculos de Cultura de Paulo Freire, o que favoreceu a construção coletiva do conhecimento por meio do diálogo e da problematização. As atividades se basearam em recursos artísticos como música, poesia e fotografia, utilizados como gatilhos para estimular reflexões e conexões subjetivas com a temática. Essa abordagem freireana se aproxima da concepção vigotskiana de que a aprendizagem ocorre na interação entre sujeitos e cultura, promovendo um processo dinâmico e dialético de construção do conhecimento.

A coleta de dados foi planejada como um processo contínuo, com registros detalhados das experiências vivenciadas nos encontros. A estrutura das atividades foi organizada da seguinte forma:

Tabela 1 - Descrição das atividades. Campinas 2025.

Atividade	Proposta
-----------	----------

Encontro 1 - “(Re)conhecer e (se)aceitar.”	Reflexão sobre o racismo em séries populares por meio de perguntas norteadoras e discussão crítica.
Encontro 2 - “Reunião de pais.”	Apresentação do projeto a pais e educadores, com atividades externas à saúde e criação de materiais informativos.
Encontro 3 - “Nossos super-heróis”	Reflexão sobre a influência da indústria cinematográfica e de animação na construção de preferências e aversões a personagens a partir do racismo estrutural.
Encontro 4 - “O brinco de ouro.”	Contação de histórias africanas para valorizar a cultura e reforçar características positivas do continente.
Encontro 5 - “Tecendo redes.”	Exploração do conceito de redes de apoio e sua importância na infância e adolescência, com atividades artísticas.
Encontro 6 - “O que é o AmorAs?”	Reflexão sobre o projeto AmorAs, seus objetivos e atividades, com introdução ao conceito de Ubuntu.
Encontro 7 - “Batata-quente da autoestima.”	Dinâmica para fomentar a valorização de qualidades pessoais e coletivas, promovendo o fortalecimento da autoestima.
Encontro 8 - “Show de talentos”	Incentivo a expressão artística e corporal, promoção do trabalho em equipe e valorização das habilidades individuais.
Encontro 9 - “Olimpíadas”	Incentivo ao esporte e às atualidades, abordando também a prevalência de atletas negros.
Encontro 10 - “Sendo criança: Oficina de bonecas Abayomi”	Reflexão sobre resistência e afeto, abordando a origem e o significado histórico das bonecas Abayomi.
Encontro 11 – “Valorizando a ancestralidade: Consciência negra e oficina de máscaras africanas”	Desconstrução de estereótipos sobre a consciência negra, promovendo reflexões críticas e estimulando a criatividade das crianças.
Encontro 12 – “Encerramento e retrospectiva”	Finalização do ano de projeto revisitando todas as atividades realizadas e pedindo às crianças que descrevessem o AmorAs em uma palavra.

CONCLUSÕES:

O projeto AmorAs, de caráter multidisciplinar, tem promovido ações antirracistas por meio da metodologia da Pesquisa-Ação, fortalecendo o diálogo com a comunidade e possibilitando adaptações ao longo do processo. Ao abordar temas como identidade, ancestralidade e respeito, tem contribuído para a construção de espaços seguros e acolhedores para as crianças. Diante dos resultados positivos, prevê-se sua ampliação para outras faixas etárias e a formação de educadores como multiplicadores, assegurando a continuidade e o impacto duradouro das ações.

BIBLIOGRAFIA

BRANDÃO NETO W, SILVA MAI, AQUINO JM, LIMA LS, MONTEIRO EMLM. Violence in the eye of adolescents: education intervention with Culture Circles. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 68, n. 4, p. 617-625, 2015.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, v. 3, n. 2, p. 77-101. 2006.

CARVALHO, F. F. B.; AKERMAN, M.; COHEN, S. C. A dimensão da atenção à saúde na Promoção da Saúde: apontamentos sobre a aproximação com o cuidado. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 31, n. 3, e210529, 2022.

CORRÊA, G. C. G.; CAMPOS, I. C. P. de.; ALMAGRO, R. C. Pesquisa-ação: Uma abordagem prática de pesquisa qualitativa. *Ensaio Pedagógicos*, v. 2, n. 1, p. 62–72, 2018.

FREIRE, P. *Educação e mudança*. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Fórum Brasileiro De Segurança Pública. Atlas da violência 2016. Nota Técnica, n. 17. Brasília: IPEA, mar., 2016.

MUNANGA, K. Saúde e diversidade. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 16, n. 2, 2007

NASCIMENTO, A.K.C; BADUY, R.S. Simulação, oficina e roda de conversa: estratégias de aprendizagem ativa na saúde. *Educação em Debate*. Fortaleza, v. 43, n. 84, p.152-167, 2021.

OLIVEIRA, E. et al. Contribuição da interseccionalidade na compreensão da saúde-doença cuidado de homens jovens em contextos de pobreza urbana. *Interface*, Botucatu, v. 24, p. e180736, 2020.

SANTOS, Débora de Souza. *Trabalho Vivo e Educação Crítica em Saúde e Enfermagem como Caminhos para equidade – Débora de Souza Santos – Campinas- SP*, 2021.

THIOLLENT, M. J. M.; COLETTE, M. M. Pesquisa-ação, formação de professores e diversidade. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, v. 36, n. 2, p. 207- 216, 20144.